

Disputas narrativas em torno de um patrimônio histórico boliviano: o caso d'*el Fuerte* de Samaipata, Bolívia<sup>1</sup>.

Paulo da Costa Pereira Neto, doutorando pelo PPGSA/UFRJ

Palavras-chave: *El Fuerte*, Samaipata, Disputas narrativas, Patrimônio, Bolívia, "Cambas e Collas".

O objetivo de minha fala será apresentar alguns dos achados que considero mais interessantes da pesquisa que resultou em minha dissertação de Mestrado, *Gringos, Híppies e Conquistadores em Samaipata/Bolívia*, defendida em 2015. Na realidade, meu foco deverá se concentrar mais especificamente sobre o terceiro capítulo da redação, onde discuto os conflitos narrativos que giravam em torno de *El Fuerte*, uma imensa pedra talhada com 220 metros de comprimento por 60 metros de largura que remonta a ocupações humanas pré-colombianas e que, em 1998, foi reconhecido pela UNESCO como patrimônio histórico e arqueológico intangível da humanidade.

O fato de tais "achados mais interessantes" terem se concentrado no terceiro capítulo de minha dissertação poderia suscitar uma pergunta aparentemente banal: por que eu não teria expandido a discussão sobre *El Fuerte* a toda a dissertação e teria resumido sua escrita a esta fração diminuta da monografia? A resposta para essa pergunta já é um ponto relevante para a discussão: depois de recolher várias horas de entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores envolvidos direta ou indiretamente com a rocha talhada - além de outras tantas horas com guias turísticos que trabalhavam no local - me deparei diante de um material empírico que estava atravessado por brigas pessoais, conflitos institucionais e ideologias políticas que, por um lado, eram altamente relevantes para minha pesquisa, mas cuja publicação numa dissertação poderia deixar descontente boa parte das entrevistadas e entrevistados que tão gentilmente responderam às minhas perguntas - afinal, muitas dessas pessoas podiam não estar conscientes de que as brigas que me descreviam como uma coisa secundária poderia ser tão ou mais importantes

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022,

para meus propósitos antropológicos do que as informações sobre o passado “histórico e arqueológico” de séculos ou milênios atrás. Assim, em nome da ética antropológica, achei por bem não incluir boa parte dessas entrevistas em meu texto, o que me obrigou a abordar outros materiais coletados em campo que, como observou criticamente um dos membros da banca, poderiam ter sido retirados de vários outros contextos.

Mas o que haveria de tão polêmico numa pedra que, afinal de contas, havia sido talhada há séculos por populações e culturas que não existiam mais ou que não viam naquela pedra qualquer significado religioso e/ou ritual que justificasse um apego afetivo tão pronunciado? Para entendermos o motivo das contendas - e o porquê de serem tão acaloradas - será necessário colocarmos *El Fuerte* dentro de um contexto geográfico e político mais amplo que se entrecruze com a(s) própria(s) história(s) que são contadas sobre o patrimônio: em primeiro lugar, é preciso notarmos que a rocha talhada se encontra a poucos quilômetros de distância da pequena cidade de Samaipata, capital da província de Florida que pertence ao departamento oriental de Santa Cruz de La Sierra. Portanto, não estamos ainda nos Altiplanos bolivianos - o "ocidente" do país -, embora já tenhamos começado a subir suas elevações - Samaipata está a uma altitude de 1650 metros acima do nível do mar, bem abaixo dos 4090 metros de Potosí ou dos 3625 metros de La Paz. Em termos geopolíticos, é muito importante percebermos que estamos no coração daquilo que na Bolívia se convencionou chamar de “*media luna*”, ou seja, um elo de 4 departamentos quase ininterruptos que são politicamente caracterizados pela forte oposição ao partido *Movimiento al Socialismo*, sigla do atual presidente, Luis Arce, e do ex-mandatário, Evo Morales Ayma.

Em segundo lugar, *El Furte* foi local de ocupação de diferentes culturas ao longo de seus séculos (ou, talvez, milênios) de existência: a rocha talhada guarda registros da passagem de culturas pré-incaicas pelo lugar, desde os chamados “*Mojocoyas*” - neologismo para denominar uma cultura que se julga um híbrido das etnias “mojo” e “coya” - passando pelos Chanés, que habitam as terras baixas bolivianas, até chegar nos Incas, que tiveram uma ocupação relativamente curta (segundo alguns estudos, de pouco mais de um século), logo interrompida pela invasão espanhola. Cada um desses grupos deixou seus registros sobre a rocha talhada e seus arredores, seja na forma de uma

“casa espanhola”; seja na de um “misterioso” poço, a “*Chinkana*”, que, segundo alguns, guardaria uma porta de acesso que conduziria diretamente para Machu Picchu, no Peru; ou seja ainda nas inúmeras inscrições gravadas sobre a pedra, algumas fazendo referências a animais da fauna local - a serpente, o avestruz e o puma; outras formando tronos onde deveriam se sentar os anciões nas antigas cerimônias ou piscinas rasas cuja uso ritual era objeto de disputa... Por fim, do entrecruzamento desses dois fenômenos - a polarização política boliviana e a presença de marcas deixadas por diferentes culturas na pedra talhada - resultava o conflito narrativo que foi objeto de minha análise: para uma parcela dos teóricos bolivianos que, por um lado, se identificavam com as culturas das terras baixas - e não com aquelas dos altiplanos - e que, ao mesmo tempo, estavam profundamente insatisfeitos com a administração de Evo Morales, *El Fuerte* se revelava um ativo de altíssimo valor. Afinal, sua imponência material poderia permitir às terras baixas competir com os famosos monumentos arqueológicos deixados nas terras altas - a pirâmide e a porta do sol legadas pela civilização do Tiahuanaco, que existiu à beira do lago Titicaca, sendo o exemplo boliviano mais importante. Na mesma linha, as terras baixas bolivianas poderiam, a partir d'*El Fuerte*, escrever uma história que fosse “emancipada” daquela que está centrada nas culturas andinas, um passo importante para que o oriente boliviano declarasse sua distância do ocidente do país - algo que, eventualmente, poderia culminar numa tentativa de secessão política efetiva do país. Nesse sentido, é importante ressaltar que a dicotomia entre duas identidades a separar o território boliviano em dois blocos já é uma realidade bem orgânica e arraigada: de um lado, temos os chamados “collas”, nome depreciativo que é usado para designar os habitantes dos altiplanos. De outro lado, os “cambas”, auto-designação da população das terras baixas. O dualismo não raro se sobrepõe à oposição entre “índios<sup>2</sup>” (os “collas”) e os (pretensamente) “brancos” (os cambas). Em minhas observações em campo, contudo, foi mais comum encontrar a distinção entre os “índios” dos altiplanos e os “índios” das terras baixas - o próprio Evo Morales sendo tratado como um

---

<sup>2</sup> Ao adotar o termo “índio” ao invés de “indígena”, estou usando a sugestão de Viveiros de Castro (2017), para quem o primeiro termo se refere especificamente àqueles e àqueles que se identificam especificamente com os populações que ocupavam o território das Américas antes da invasão europeia, ao passo que o segundo se refere a qualquer povo nativo de algum lugar - por exemplo, um francês seria um “indígena” da França. Assim, como notou Viveiros de Castro, na etimologia latina de indígena está a oposição `a ideia de alienígena.

"falso índio". Assim, o que era reivindicado por alguns de meus entrevistados não era uma negação da história indígena, mas uma afirmação da história do ocidente boliviano que fosse centrada nas etnias das terras baixas - povos amazônicos, guaraníes, etc. - que, supostamente, estariam sendo ofuscados pela atenção "excessiva" que se daria à passagem de culturas andinas pelo local.

Mas o ponto mais interessante a ser notado é que tal reivindicação por uma história "emancipada" do oriente boliviano não era defendida num universo estritamente acadêmico: de maneira bastante explícita na fala de meus interlocutores, estava o temor de que um novo processo de "colonização incaico" estivesse em curso na Bolívia. Quer dizer: os Incas, que haviam avançado sobre território boliviano há mais de cinco séculos, estariam se reorganizando e teriam no presidente Morales seu novo representante oficial. Assim sendo, expurgar os Incas da história das terras baixas seria uma forma de negar o direito político do MAS de dominação sobre os territórios das terras baixas. Para tanto, era preciso afirmar categoricamente: os cambas não seriam herdeiros dos Incas nem de qualquer outra população dos altiplanos andinos, mas constituiriam um povo autônomo que teria sua própria história - e, como tal, que deveria ter a capacidade de contá-la por conta própria. Era assim que um conjunto de especialistas das ciências humanas e naturais - historiadores, arqueólogos, antropólogos, biólogos, etc. - reunidos em torno do Centro de Investigaciones Antropologicas y Arqueologicas de Samaipata (CIAAS) se esforçava por coletar os elementos materiais que lhes permitiriam contar essa "outra história" d'*El Fuerte* - uma história que minimizaria o papel dos Incas no lugar e destacaria o papel das culturas anteriores. Mais do que produzir um material que fosse de interesse apenas de acadêmicos, era preciso que essa nova narrativa se difundisse para o "grande público".

Tendo em conta o fato de que *El Fuerte* vinha atraindo turistas nacionais e internacionais em quantidade considerável, e tendo em conta, também, que já havia um conjunto de guias ganhando a vida relatando aos visitantes a história da pedra talhada, logo, fazia-se necessário um intensivo e extensivo treinamento desses profissionais que os capacitasse a falar sobre os registros deixados pelas culturas anteriores à ocupação Inca, uma tarefa mais complicada do que poderia parecer à primeira vista por um motivo muito

simples: havia uma abundância incomparavelmente maior de informações, teorias e escritos tratando dos Incas e de sua presença ao longo do território sul americano do que havia dessas culturas Chanés e Moxocoyas. Isto não apenas permitia encontrar nos registros da rocha traços da cultura material incaica como, ainda, permitia fazer associações com sua cosmologia - sobre a qual, também havia uma abundância de informações. Foi assim que uma brochura de autoria dos arqueólogos alemães, Albert Meyers e Cornelius Ulbert (1994) - e que deveria servir de guia para os turistas que visitassem *El Fuerte* - fazia muitas referências aos Incas, mas era muito mais tímida diante das marcas deixadas pelas culturas anteriores. Assim, o grande desafio dos arqueólogos e historiadores empenhados em contribuir para uma história "emancipada" das terras baixas era preencher este vão de informações sobre os modos de ser e pensar das culturas pré-incaica. Escavações levadas a cabo em diversas partes das terras baixas bolivianas vinham nessa direção e, apesar de ainda muito incipientes, o grupo que estava reunido em torno do CIAAS já considerava salutar que um processo de "domesticação" dos guias fosse levado adiante, não apenas para evitar que informações "extra científicas" sobre a presença de Objetos voadores não identificados ou de feitiçarias fossem relatadas aos turistas (Pereira Neto, 2017), mas, mais importante, para fazer frente à "hegemonia" da narrativa "altiplanica". Afinal, nas palavras de um de seus especialistas:

Los guías que vienen de origen andino tienen más que una comprensión, [tienen] una intención. Hoy asumimos que el Estado boliviano se está recolonizando por los Incas. [...] [P]ara ellos, todo es Inca, todo es imperio incaico. No respetan otras culturas. [...] Los europeos fueran menos daninos que el imperio incaico. El imperio incaico fué más satánico, fué sagaz, fué esclavizador, fué una cultura que destrozó todas las culturas de Bolivia donde llegó.

Ao ouvir o relato de um desses guias "de origem andina", a narrativa se inverteu: não seria sua culpa que haveria uma quantidade muito maior de informações "fidedignas" e "científicas" sobre os Incas, de tal maneira que tanto ele quanto seus colegas se veriam obrigados a dar muita atenção a estes do que às culturas anteriores - caso um material bem fundamentado lhe fosse apresentado, ele não teria qualquer problema em falar sobre os

Chanés, sobre os Guaranís, etc. Contudo, em seus termos, esse material seria completamente inexistente:

Están manchando con tintes políticos. Quiéren regionalizar. ( ...) No se puede inventar! Ya cronologicamente, historicamente, está escrito muchos libros. No se puede cambiar. Ahora, él propone decir: 'no hablen mucho de los Incas porque estos, estos, los guaraníes, chanes... de esos vamos hablar' decía. Pero de donde se basa? Fuente! Fuente de información histórica, fuente de donde están sacados estos platos. No tienen! Yó le he dicho 'No tiene, señor! Se usted me anotas varios como... bibliografías. Anotas varios autores, acceptole. Pero mientras tu no tienes nada, es muy superficial'. A nosotros nos han dejado todo lo que vamos a decir según datos de radio carbón, todo éso, ya nos han indicado. Como la cronología podemos manejar sobre el Fuert e?

O que percebemos é que, de ambos os lados, havia a pretensão de se "fazer ciência" - ou, ao menos, de repercutir um conhecimento que fosse cientificamente fundamentado. O lado oposto seria o lado "ideologicamente" orientado para fins políticos, seja este o de garantir o avanço do "império de Morales" sobre o território boliviano, ou de promover um regionalismo que visaria promover ainda mais o ódio do oriente contra os altiplanos bolivianos.

### Referências Bibliográficas:

ANTELO, Susana Seleme. "Santa Cruz: Síntesis de la Problemática y el Contexto Político Regional" In: ORELLANA, Luis Alberto García, et al. **Configuraciones políticas en los Departamentos de Bolívia: La Construcción del Nuevo Campo Político**. La Paz: IDEA Internacional, 2008.

BARRAGÁN, Rossana. "Hegemonías y 'Ejemonías': las relaciones entre el Estado Central y las Regiones (Bolivia, 1825 -1952)". In: **ÍCONOS**, Quito. V. 34, 2009, (pp. 39 -51).

BROWMAN, D.L.. "Carlos Ponce Sangines, Godfather of Bolivian Archaeology". In **Bulletin of the History of Archaeology**. V 15(1). 2005 (p:16 -25).

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Os Involuntários da Pátria**. Caderno de Leituras, 2017.

GOBIERNO AUTÓNOMO DEPARTAMENTAL DE SANTA CRUZ. **“El Fuerte de Samaipata”**: **Patrimonio Cultural de la Humanidad**. UNESCO 1998. Santa Cruz de la Sierra: sine datum.

GOBIERNO AUTÓNOMO DEPARTAMENTAL DE SANTA CRUZ. **Siguiendo las huellas del Jichi: Calendario Cosmico de el Fuerte de Samaipata**. Santa Cruz de la Sierra: 2013.

KLEIN, Herbert. **A Concise History of Bolivia**. Nova York: Cambridge University Press, 2011.

MARULANDA, Rolando. **Archéologie et Religion dans les Andes Centrales: Les roches sculptées de l'Horizon Final (XIVe -XVIe siècles)**. Paris: 2006. Tese (Doutorado). Université Paris I - Panthéon-Sorbonne, Paris.

MEYERS, Albert. "Algunos Problemas en la Clasificación del Estilo Incaico" In. **Revista Oficial del Instituto de Cultura Aymara**. N. 8. La Paz. 1975. (p. 7 – 25).

MEYERS, Albert. "Reflexiones acerca de la periodización de la Cultura Inka: Perspectivas desde Samaipata, Oriente de Bolivia". In. **Actas XII Congreso Nacional de Arqueología Argentina**. Buenos Aires. 1999.

MEYERS, Albert; ULBERT, Cornelius. **El Fuerte de Samaipata: Guia Turistico sobre “El Fuerte” de Samaipata**. CIAS, Samaipata. 1994.

PEREIRA NETO, Paulo da Costa. "História única e Ideologia Simétrica: Disputas pela narrativa histórica hegemônica em um Patrimônio Boliviano". **Cadernos NAUI**, Vol. 6 , n. 11, jul-dez 2017.

PONCE SANGINES, Carlos. "El Colonisismo científico y la Desaparición del Patrimonio arqueológico de Bolivia". **Centro de Investigaciones Arqueológicas**. La paz. 1970.

PONCE SANGINES, Carlos. "Tadeo Haenke y su viaje a Samaipata en 1795". **Centro de Investigaciones Arqueológicas**. La paz. 1974.

PONCE SANGINES, Carlos. "El Instituto Nacional de Arqueología de Bolivia: Su organización y Proyecciones". In: **Instituto Nacional de Arqueología**. N. 25. La Paz, 1978.

PONCE SANGINES, Carlos. **Panorama de la Arqueología Boliviana**. Librería y Editorial "Juventud". La Paz. 1985.

PONCE SANGINES, Carlos. "Alcide d'Orbigny y su viaje a Samaipata en 1832". In: **El naturalista francés Alcide d'Orbigny en la visión de los bolivianos**. IFEA: La Paz. 2002. (p. 307 – 315).

SECRETARIA NACIONAL DE CULTURA DEL GOBIERNO BOLIVIANO et al. Solicitud de Inscripción del Bien Cultural como Patrimonio Mundi I: El fuerte de Samaipata. Santa Cruz, 1997.

YATES, Donna. Archaeology and Autonomies: The Legal Framework of Heritage Management in a New Bolivia *International Journal of Cultural Property* (2011) 18:291–307.

YATES, Donna. Archaeological Practice and Political Change: Transitions and Transformations in the Use of the Past in Nationalist, Neoliberal and Indigenous Bolivia. Tese de Doutorado. Department of Archaeology, University of Cambridge, 2011